

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
As Variações de Hong Sang-soo
9 e 16 de Dezembro de 2019

YEOJANEUN NAMJAI MIRAEDA / 2004

“A Mulher é o Futuro do Homem”

um filme de Hong Sang-soo

Realização e Argumento: Hong Sang-soo / **Fotografia:** Kim Hyung-koo / **Iluminação:** Lee Kang-san / **Montagem:** Ham Sung-won / **Música:** Jeong Yong-jin / **Interpretação:** Yu Ji-tae (Lee Mun-ho), Kim Tae-woo (Kim Hyeon-gon), Sung Hyun-ah (Park Seon-hwa), Kim Ho-jung (Park Bo-yeong), Bae Yun-beom, Eom Su-Jeong.

Produção: UniKorea Co., Ltd. (República da Coreia, 2004) / **Cópia:** Mk2, em 35 mm, cor, legendada em inglês e electronicamente em português / **Duração:** 88 minutos / **Título internacional:** Woman is the Future of Man / **Primeira apresentação pública:** 17 de Maio de 2004, Festival de Cannes / **Estreia comercial:** Maio de 2004, Coreia do Sul / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca.

“Múltiplas variações sobre o ‘nada’. Múltiplas variações sobre a vida que, imperceptivelmente, foge prometendo muito, não dando ‘nada’ de si mesma, salvo a banalidade do seu quotidiano. Salvo, então, a sua grandeza e a sua beleza.”

Jean Duchet, sobre **Saenghwalui Balgyeon** / “Recordando a Porta Giratória” (2002)

Começamos pelas palavras do próprio Hong Sang-soo: “*La femme est l’avenir de l’homme* / *A mulher é o futuro do homem*. Encontrei esta frase de Aragon há alguns anos, num postal, no Quartier Latin. Agradou-me, sabia que me ia ficar no espírito, mas não sabia porquê. Quando estava a escrever o filme, veio-me à memória e decidi reutilizá-la. O motivo é simples: duas das minhas personagens masculinas vivem no presente, e a mulher pertence aparentemente ao seu passado. Ainda se lembram dela e vão procurá-la, logo ela é o seu futuro. Mas esta frase não provoca em mim qualquer emoção. Não a consigo compreender. A repetição faz as palavras perderem o seu sentido. Gosto deste sentido de estranheza e de confusão. Os meus filmes constroem-se sobre situações muito concretas, mas não trazem nenhuma mensagem. Espero que provoquem reacções individuais, muito diferentes umas das outras.”

Yejaneun Namjai Miraeda / “**A Mulher é o Futuro do Homem**”, a quinta longa-metragem de Hong Sang-soo, começa precisamente com um reencontro e uma conversa entre dois velhos amigos num café. Um é (novamente) cineasta, sempre uma espécie de alter-ego do realizador (que através de um outro alter-ego, o cineasta de “**Como se soubesses tudo**” (2009), justifica que só pode fazer filmes sobre a sua vida, pois é o que conhece...), o outro, um professor universitário, outro dos “tipos” de personagens recorrentes nos filmes de Hong Sang-soo, que habitualmente trazem consigo “grupos de fãs”, alunos e ex-alunos e toda uma panóplia de relações intergeracionais. E como acontece também no cinema de Hong Sang Soo, são dois amigos que conversam

abertamente sobre relações, sobre mulheres e sobre sexo, em diálogos regados por muito álcool.

Começámos por uma frase de Hong Sang-soo, proferida numa entrevista aos *Cahiers du cinéma* por altura da estreia do filme em Cannes, que tem ela própria um título bastante significativo: “Un film est bon pour moi s’il modifie ma manière de penser” / Um filme é bom para mim, se modifica o meu modo de pensar. Frase que aliás é ainda mais pertinente quando citada na íntegra: “Um filme é bom para mim se traz novas sensações e se modifica o meu modo de pensar.” É em todos estes sentidos que o cinema de Hong Sang-soo se revela próximo de um estado bruto e virgem das coisas, e em “**A Mulher é o Futuro do Homem**” tal é bem visível no modo como filma as cenas de sexo e no modo como ele é explicitado verbalmente, sendo que este é o penúltimo trabalho em que filma a sexualidade de modo tão directo, passando a partir de “**Conto de Cinema**” (2005) maioritariamente para o *off*. Como é nesse sentido que Hong Sang-soo transporta para o cinema narrativo experiências que havia realizado nos trabalhos iniciais de foro mais experimental, que investem as suas ficções de um apurado e minimalista trabalho formal.

Tudo na citada conversa inicial é filmado em belíssimos longos planos-sequência, pontuados por movimentos horizontais que acompanham os movimentos das personagens (a empregada do bar, que comenta os paralelos convites dos dois homens, cena que pela repetição adquire um carácter “tragicómico”, e o regresso do plano à posição inicial, com uma simétrica “aparição” feminina através da janela), sequência que culmina num novo uso da música no cinema do realizador e cuja linguagem, assente nesses intermináveis e muito compostos planos, se estende a todo um filme que leva o plano-sequência ao limite.

Como o cinema de John Cassavetes, este é também um cinema conotado com o fluxo do álcool, mas aqui tudo é mais contido dentro de um universo de excessos. Um universo mais contido, em que irrompe uma violência extrema, que provoca tanto mais perplexidade face à neutralidade como é filmada e mesmo verbalizada, na sua quase inexpressão. É assim que em “**A Mulher é o Futuro do Homem**” somos confrontados com uma história de rapto e violação (um dos vários *flashbacks* do filme), e com os esforços dos dois amantes para a sua exorcização. Mas as palavras são duríssimas, como são duríssimos os movimentos dos corpos para tudo “limpar”.

Seon-hwa é a mulher que pertence aparentemente ao passado dos dois amigos e que assegura a passagem para o futuro. No presente, o reencontro termina em mais uma noite de copos até ao nascer do sol numa cidade satélite nos arredores de Seul, em que se estabelecem multifacetadas relações. E voltamos à frase de Louis Aragon, que sintomaticamente reaparece no fim de um filme que, no fundo, é conduzido pelas mulheres. E voltamos às palavras do cineasta: “Há dois processos nos meus filmes: um processo de negação que não se transforma num sistema, e a expressão do conflito entre estar emocionalmente abalado e a busca impossível da verdade.” É essa verdade que todas estas personagens perseguem incessantemente e que, como na vida, não conseguem alcançar.

Joana Ascensão